

# Intervenção Comunitária através da Arte com pessoas em situação de sem-abrigo

Eduardo Marques \*

118

Este artigo aborda a intervenção Comunitária através da arte com pessoas em situação de sem abrigo em Coimbra – Portugal. Centra-se num projeto desenvolvido seguindo uma Estratégia de Desenvolvimento Comunitário baseada em Ativos (ABCD), pela ONG (Associação Hemisférios Solidários) que se particulariza por implementar projetos de arte comunitária com o objetivo de capacitar a comunidade de pessoas sem-abrigo para a participação e a cidadania.

*This article discusses community work intervention through art with people facing homelessness in Coimbra - Portugal. Focuses on a project developed following an Asset Based Community Development (ABCD) strategy, by a local NGO (Associação Hemisférios Solidários) which is particularized for implementation of community art projects with the objective of empowering homeless community into participation and citizenship.*

## INTRODUÇÃO

O Serviço social em Portugal negligenciou nas últimas décadas o trabalho comunitário em prol duma intervenção centrada no indivíduo, assim como secundarizou a cidadania e a transformação focalizando-se num exercício profissional de carácter técnico- administrativo de gestão de apoios sociais. O falhanço desta estratégia é particularmente evidente no trabalho realizado com pessoas em situação de sem-abrigo que se tornam as vítimas invisíveis e sem voz de mecanismos de opressão e reprodução social complexos e poderosos.

A crise estrutural que Portugal enfrenta, exige uma ação concertada de todos os atores sociais, na defesa do estado social, que vá para além das boas intenções, daí o Serviço Social estar a vivenciar um dilema pelo facto de não querer ser parte do problema, mas ter de se situar no problema. Por conseguinte ou se anula profissionalmente, ou investe numa prática de intervenção social comprometida com os direitos humanos, assumindo de modo evidente um pensamento crítico, reflexivo, ético e criativo.

Com o aumento do desemprego, com a precarização das relações laborais, com a fragilização das famílias e com a destruição do estado social, o Serviço Social em Portugal tem de encontrar outros caminhos que não os do assistencialismo fatalista para poder reafirmar o seu estatuto socioprofissional de defesa do bem-estar individual, social e ambiental.

Eduardo Marques worked as lecturer in Social Work for 20 years at Miguel Torga University College Portugal , during which time he was involved in several social work international projects about e-learning, community work and youth work. He is working as executive director of the Social Enterprise Academy and of the NGO Associação Hemisférios Solidários. Institutional Address: Associação Hemisférios Solidários [Hemisferios.solidarios@gmail.com](mailto:Hemisferios.solidarios@gmail.com)



Um desses caminhos pode traduzir-se numa intervenção social participativa assente na comunidade e onde a arte, a cultura e a criatividade se transformam em ferramentas de grande potencial para o trabalho com grupos e comunidades marginalizadas.



No caso da intervenção comunitária participativa junto de pessoas em situação de sem-abrigo através da arte, as experiências desenvolvidas pelo autor revelaram-se socialmente integradoras. Um dos obstáculos à cidadania das pessoas em situação de sem-abrigo é o seu limitado capital social, pelo que o aumento de redes, normas e confiança foi entendido desde início como uma necessidade e uma prioridade. O desenvolvimento do capital social implicava desafiar a comunidade dispersa de pessoas sem-abrigo para projetos em que pudessem trabalhar juntos em ações colaborativas concertadas. Tom Borrup (2009) afirmou um dia que, comunidade é aquilo que fazemos juntos e foi essa definição simples e abrangente de comunidade que foi seguida no trabalho desenvolvido com pessoas sem-abrigo. Como as relações sociais são um ativo importante na vida de qualquer pessoa e uma dimensão prática do conceito de capital social, seguimos uma linha metodológica assente no Desenvolvimento Comunitário Baseado em Activos (Asset-based community development - ABCD) que nos permitiu descobrir e usar os pontos fortes dentro da comunidade como um meio para um processo de desenvolvimento sustentável, tanto a nível do individuo como da sua própria comunidade.

O Desenvolvimento Comunitário Baseado em Activos (ABCD) é uma estratégia de construção de comunidades sustentáveis através da identificação e ligação de micro-

ativos com o macro-ambiente, que presta particular atenção aos ativos nas relações sociais e nas redes formais e informais. O ABCD está em consonância com os princípios e práticas de abordagens participativas com vista ao empowerment e passa pela identificação de cinco ativos essenciais: as pessoas, as associações, as instituições, os recursos físicos e as relações. A partir deste modelo de intervenção, foram construídos vários projetos, caracterizados pelo profundo respeito pela pessoa, pela escuta ativa, pelo diálogo, pelo afeto, por cumplicidades várias, com vista a resgatar a auto-estima, o respeito, a esperança e combater o isolamento social vivido pela pessoa em situação de sem-abrigo. Esta dinâmica confrontou o pensamento dominante, que se distingue por considerar a pessoa em situação de sem-abrigo, como um recetáculo passivo da caridade individual, das organizações sociais ou simplesmente como consumidor de benefícios sociais. As instituições que o suportam, estão direcionadas para fazer um determinado trabalho ou prestar um serviço particular a um cliente tipo, pelo que não são capazes de se recriar para apoiar e dar o que os cidadãos querem ou precisam.

O trabalho da ONG Hemisférios Solidários, como pessoas sem abrigo, permitiu ao autor desenvolver um contacto de grande proximidade com pessoas em situação de sem-abrigo seja através de projetos artísticos, seja através do “Grupo de intervenção em Crise” razão pela qual pode constatar que: *“ser sem-abrigo é uma experiência traumática. A perda de casa, de comunidade, de estabilidade, de segurança, amigos e rotinas é uma experiência que está muito para além da vida cotidiana e é altamente*





*stressante. Dormir na rua, num prédio abandonado, num carro ou num abrigo, provoca um sentimento de vulnerabilidade, de perda de controlo, e perda de esperança”. Volk, K., Guarino, K., & Konnath, K. (2007, p. 3).*

No âmbito da Hemisférios Solidários, o autor está a coordenar uma investigação sobre as características, potencialidades e vulnerabilidades das pessoas sem-abrigo na cidade de Coimbra e as evidências recolhidas, mostram índices muito altos de experiências traumáticas por parte desta população. Perante este facto, estamos convencidos do potencial da arte para ajudar a desconstruir os discursos opressivos das organizações tradicionais e reinterpretar experiências a partir de pontos de vista alternativos. Tal como afirma Levine (2009, p. 17), *“a experiência de fragmentação que o sofrimento traumático implica resiste a qualquer abordagem que assuma que a experiência pode ser dominada e conhecida através do discurso racional.”*

Neste sentido a arte e a cultura revela-se um bom instrumento de comunicação e relação, que permite ir para além da fragmentação do mundo exterior e interior, deixando as pessoas exprimirem-se de modo diferente do permitido pela voz ou pela escrita e mostrando ideias e sentimentos de cada um.

## O potencial da arte no trabalho comunitário com pessoas em situação de sem-abrigo

A arte e a cultura são aspetos importantes no desenvolvimento e na qualidade de vida de cada um, seja como meio de lazer de forma passiva, seja como criação artística de forma ativa, razão pela qual o serviço social deve integrar estas dimensões no seu trabalho. De acordo com Cuylenburg (2004) e Matarasso (1997) os projetos artísticos podem não só encorajar a inclusão social como melhoram a autoconfiança e o bem-estar dos participantes e ainda combatem os estereótipos e a discriminação. Quando os projetos artísticos são feitos em espaços comunitários também permitem trazer ao conhecimento público as lutas dos que sofrem múltiplas exclusões e servir como meio para mostrar as suas preocupações, defender seus pontos de vista e experiências.

Comentando a importância da Arte em contextos traumáticos, Levine (2009, p. 18) afirma:

*“A expressão artística foi sempre uma forma fundamental que os seres humanos têm usado para descobrir significados nas suas vidas. As artes são formas de moldar a experiência, de encontrar caminhos de vida que façam sentido, através da transformação imaginativa”.*



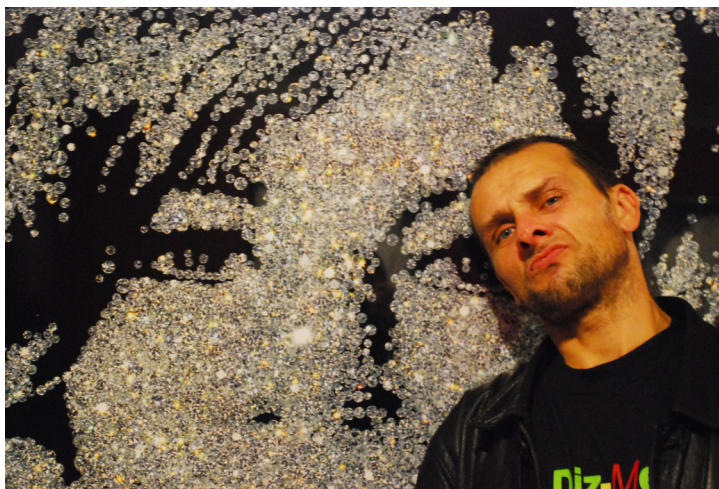
A arte é efetivamente um meio de comunicação e de relação que tem de ser abordada de forma não dogmática ou elitista. Para Pat B. Allen a criação artística é um caminho espiritual que está aberto a todos e que não requer mais talento que o viver. Allen (2003, p. 14), refere que Henry Schaeffer-Simmern “realizou programas de arte com grupos variados, tais como delinquentes, pessoas com transtornos de desenvolvimento e grupos de pessoas do mundo dos negócios e mostrou claramente que a autêntica capacidade de expressão artística se desenvolve gradualmente de forma natural em qualquer pessoa, desde que se lhe dê a oportunidade de fazer arte”.

Isto mesmo foi constatado pelo autor, através dos projetos de arte comunitária desenvolvidos pela Associação Hemisférios Solidários desde 2010 e que permite afirmar que os projetos de intervenção social através da arte, permitem ir além da fragmentação social e reaproximar grupos excluídos de participação comunitária em ações coletivas de integração, desenvolvimento pessoal e afirmação de uma democracia participativa. Para além das vantagens em termos da estabilização e acompanhamento social de pessoas e grupos em risco de exclusão, constatamos que em termos económicos é mais barato usar o trabalho social preventivo através da arte na comunidade, que cobrir os custos relacionados com as consequências da desfiliação social.

É um trabalho que é construído através das metáforas e da imaginação, que nos dá um conjunto de ideias, relações e símbolos que podem catalizar a mudança social. Para nós a arte e a cultura foi sempre entendida como

ferramentas para a transformação social e como serviço público.

O potencial da intervenção social através da arte com pessoas em situação de sem-abrigo, reside numa estratégia ‘bottom-up’ que valoriza as necessidades e os desejos desta comunidade, desenvolvendo atividades que lhes permite pensar e sentir serem parte da sociedade, de fazerem parte duma rede sem hierarquias, criando relações humanas significativas, de confiança e amizade entre si. Para além disso permite partilhar e assumir responsabilidades em diferentes graus, mas a horizontalidade é chave para se manter claro os graus de responsabilidade assumidos entre todos. Esta estratégia é o oposto de uma intervenção



clássica, prescritiva e ‘top-down’, desvalorizada na prática face ao seu insucesso junto de comunidades mais problemáticas, que são estigmatizadas pelas organizações e instituições que lhes atribuírem a culpa pelo seu insucesso e não refletem sobre as práticas assistencialistas que desenvolvem ou as estratégias fragmentadas que utilizam

no controlo e minimização dos danos sociais e morais gerados pela exclusão.

A intervenção social através da arte, potencia a capacidade de as pessoas agirem juntas em matérias de interesse comum e permite construir capital cultural e social através da sua participação informal em atividades artísticas.

No contexto da arte comunitária, o serviço social tem de aprender a relacionar-se com as pessoas enquanto cidadãos e não como clientes, bem como procurar estimular o debate acerca dos problemas contemporâneos através da arte, promovendo o empowerment, a criatividade e a participação. O sucesso da construção de comunidades robustas, está como diz Borrup (2009, p. 139) na capaci-



dade de ver e perceber o que torna uma comunidade especial, bem como na habilidade para motivar as pessoas a agir.

## ARTE COMUNITÁRIA E DIREITOS HUMANOS

### Reflexão sobre uma experiência conduzida por pessoas em situação de sem-abrigo

Como já afirmamos anteriormente, em Portugal, assiste-se, cada vez mais, ao crescimento das desigualdades sociais, do desemprego, da pobreza e da exclusão de muitas camadas da população, que está na origem da grave situação social existente a qual potencia a quebra de solidariedade e de valores humanos.

A população em situação de sem-abrigo, para além da discriminação, também é privada dos mais elementares direitos humanos, razão pela qual a Associação Hemisférios Solidários, desenvolveu vários projetos inclusivos, com vista a criar na cidade de Coimbra um debate criativo sobre os direitos humanos. O projeto de que vamos falar de seguida intitulado “Os Direitos Humanos não são um Jogo”, teve como objetivo construir uma instalação de Arte Participativa interativa, constituída por um Jogo de Dominó com peças de grande dimensão e que integrasse uma visão ecológica, sustentável, artística e comprometida com a mudança social.

### O Contexto do projeto “Os Direitos Humanos não são um jogo”

A população em situação de sem-abrigo, são um grupo que no seu quotidiano sente diariamente a negação de muitos direitos humanos. Por esta razão, são as que pessoas que mais autoridade têm para falar sobre a realidade dos Direitos Humanos em Portugal.

Perante o deficit de cidadania e participação bem como o afastamento e desconfiança dos cidadãos perante as instituições, o projeto propôs juntar atores sociais compro-

**“A arte e a cultura são aspetos importantes no desenvolvimento e na qualidade de vida de cada um, seja como meio de lazer de forma passiva, seja como criação artística de forma ativa, razão pela qual o serviço social deve integrar estas dimensões no seu trabalho.”**

metidos com os direitos humanos numa ação que deu voz às vítimas e as converteu em atores e ativistas na consciencialização e na defesa dos direitos humanos enquanto desiderato de toda a comunidade.

### Objetivos do Projeto

O projeto visou consciencializar e formar pessoas em situação de sem-abrigo para os direitos humanos, capacita-los para disseminarem informação, debater e refletir com cidadãos anónimos da comunidade os temas da igualdade, do direito a uma vida digna, do direito ao trabalho e à segurança, do direito à saúde e à educação, do respeito pela diversidade e pela dignidade de todas as pessoas. Este debate de ideias foi realizado em espaços públicos (praças e parques) conduzido por pessoas sem-abrigo e mediado pelo Jogo do Dominó / instalação de arte construída.

### Metodologia utilizada

1. O projeto baseou-se na intersecção e complementaridade de 3 modelos que juntos dão forma a um modelo Polissémico:

a) o modelo do Trabalho Social Comunitário (community work/community building) com vista à sensibilização/ mudança comunitária, de modo a promover a participação e a inclusão social de grupos socialmente desvalorizados e desfilados.

b) O modelo autobiográfico/diários de arte, com vista à partilha de histórias de vida, resgatando a dignidade humana a partir da narração criativa da história de vida dos participantes, a fim de elaborar diagnós-



ticos que suportassem intervenções posteriores por parte do serviço social;

c) O modelo ecológico, com vista a um diagnóstico de situações causadores de stress (problema) na adaptação da pessoa ao seu ambiente (contexto físico e organizações sociais).

2. O projeto ao nível das técnicas de intervenção artística, assentou na Instalação de Arte, co-construída colectiva e comunitariamente.

3. O projeto foi dividido em 4 Fases / Dimensões:

a) *Dimensão Objetiva*, com a distribuição da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia a todos os participantes, seguida de trabalho em grupos de discussão e debate plenário.

b) *Dimensão Subjetiva e Emocional*, com uma reflexão introspectiva individual, relacionando histórias de vida com a violação de artigos da Declaração Individual que cada um sente que é vítima.

c) *Dimensão criativa e Artística*, através da construção dos Dominós, associando um dominó / direito humano à história de vida de cada participante.

d) Dimensão de empowerment e prática de competências comunicacionais e relacionais através contato com a comunidade circulante / visitantes da Instalação, através do Jogo do Dominó.

### Construção do Dominó dos Direitos Humanos e Matérias-primas utilizadas

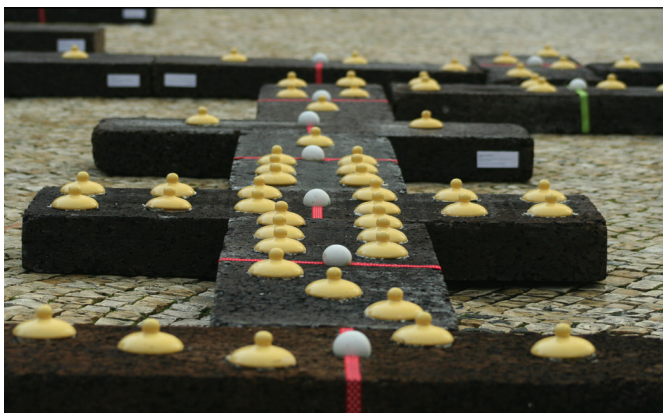
Foi construído um Jogo de Dominó XXL com as cores da Bandeira portuguesa. Um Dominó tem 28 peças e os Direitos Humanos são 30. Para não retirar Direitos Humanos foram criados dois novos Dominós Joker. Os materiais usados tinham a ver com a história local, eram ativos / recursos disponíveis sem custos pois eram resíduos sólidos urbanos condenados a serem transformados em lixo. Assim sendo foi utilizado os seguintes materiais:

**Cortiça** - Portugal produz mais de metade de toda a cortiça mundial, mais exactamente 54%. O sector da cortiça assume uma importância fundamental para a economia nacional. É um produto polivalente, multiusos, sustentável e amigo do ambiente. Os sobreiros tem uma longevidade que pode atingir os 500 anos. No Projecto a Cortiça representa a dimensão ecológica do projecto e importância da memória histórica (Portugal foi dos primeiros países a abolir a pena de Morte em 1867).

O material usado, foi recolhido do Lixo de uma fábrica colapsada e reutilizado em peças de dominó.

**Cerâmica** – Coimbra sempre teve uma cerâmica (Cerâmica de Coimbra) de grande relevância em termos económicos, artísticos e culturais. A indústria cerâmica de Coimbra remonta ao séc. XVI e na Fábrica do Rossio de Santa Clara, fundada por Domingos Vandelli, em 1784, foram produzidas as melhores faianças do País, ombreado com as congéneres da Real Fábrica de Louça, ao Rato. Hoje Coimbra é um amontoado de escombros da-





quilo que foi a florescente indústria cerâmica. As fábricas foram fechando, famílias inteiras foram despedidas, provocando fome, dor e desespero.

O Material usado (tampas de bules amarelos), foi recolhido no lixo da extinta Sociedade de Porcelanas de Coimbra e reutilizado nas peças do dominó.

**Parafina** – É um material que possui propriedades termoplásticas e de repelência à água e é usada amplamente para a protecção de diversas aplicações. Não é tóxica, e possui um grande leque de usos. É a matéria-prima essencial na fabricação de velas.

O material usado, foi oferecido ao projeto e usado pelas seguintes razões: dar brilho aos dominós, impermeabilizá-los pois é para serem expostos e jogáveis no exterior, mesmo com tempo de chuva e que por não ser tóxica permite um manuseamento seguro das peças pelos participantes/jogadores.

**Têxtil** – Coimbra já teve uma forte indústria têxtil. Hoje em dia tudo o que resta é os escombros das antigas fábricas ou pequenas micro empresas. Muitas destas fábricas foram ocupadas para abrigo de muitas famílias sem casa e sem trabalho.

O material usado, foi adquirido nas cores verde e vermelho, para dar um ar personalizado, mais humano, mais afectivo ao dominó. O Projecto centra-se nos Direitos Humanos que devem estar presentes na vida de cada cidadão, nos lares de todos os Portugueses.

**Cartão** – Cada Dominó tem o nome de uma pessoa que se encontra na situação de sem abrigo ou que esteve envolvido no projecto. Cada dominó corresponde a um direito humano, retirado da Declaração Universal dos Direitos Humanos e que é significativo ou se relaciona de algum modo com a vida do autor.

O projeto “Os Direitos Humanos não são um Jogo” serviu para exemplificar na prática a operacionalização de uma Estratégia de Desenvolvimento Comunitária baseada em Ativos (ABCD) assente na arte, que enfatizou os atributos



positivos da comunidade e dos seus membros e não nos aspetos negativos ou em necessidades particulares. Este trabalho permitiu conhecer bem os participantes, revelar talentos e competências esquecidas, resolver conflitos, trabalhar em equipa, quebrar isolamentos e revoltas silenciadas, dando voz e conteúdo à cidadania. Serviu para acordar a cidade, dar visibilidade aos problemas das pessoas sem-abrigo, obrigou a comunidade e as instituições a confrontar-se com os danos colaterais do liberalismo económico, tornou os ditos “clientes” mais conscientes e reivindicativos.

## CONCLUSÕES

No desenvolvimento comunitário a arte é uma ferramenta importante que os assistentes sociais não podem negligenciar, pois permite o desenvolvimento do capital social e cultural, fomentando o empowerment dos cidadãos e encoraja-os a participar. A inclusão de vozes dissonantes, contraditórias, excluídas irão mudar a nossa cultura, mas irão mudá-la para melhor (Matarasso, 2001).

Os projetos de intervenção social através da arte, requerem muita cooperação entre organizações sociais, entre profissionais de diferentes áreas e sectores de atividade com vista a co-criação de soluções inovadoras e sustentáveis.



A grande dificuldade e constrangimentos sentidos pelo autor na execução de diferentes projetos no âmbito da intervenção social através da arte, não vieram da comunidade ou dos grupos alvo, vieram muitas vezes da parte das instituições de solidariedade social, cujas práticas conservadoras, pouco participativas e burocráticas, fomentam a resistência à mudança. Nesta dialética do pequeno poder, não há espaço para a circulação de novas ideias e alguns assistentes sociais manifestam uma pequena dimensão ética e profissional, visivelmente mais comprometidos com o policiamento dos costumes do que com a transformação e a justiça social.

Os projectos de arte comunitária estão focalizados em juntar pessoas excluídas socialmente e fazê-las participar na comunidade enquanto voltam a assumir o controlo de suas vidas. Como afirma Ciornai (2005, p. 86) citando Heidegger, “As criações artísticas são expressões dessa trama de significados tecida no contacto do homem com o mundo. Elas permitem-nos, portanto, o desocultar das coisas, a abertura do que elas são e como o são”.

Quando as instituições vêm a pessoas como objetos da sua ajuda e recetáculo de apoios sociais, os clientes ficam presos à continuidade do momento presente e a uma vulnerabilidade entorpecente. Desconectados primeiro de um papel produtivo na economia, ao cliente também







é frequentemente cortada a oportunidades para atuar como cidadão e contribuir para a vida e bem-estar da comunidade (Kretzmann and Green, 1998, p. 12).

O Desenvolvimento Comunitário baseado em Ativos (ABCD), através da arte comunitária exige uma grande cooperação entre todos os actores sociais e stakeholders de modo a fazer da co-criação uma forma de cooperação que exige a co-propriedade do processo e do produto por todos os participantes. Este aspecto é crucial para o sucesso da intervenção e se alcançar a mudança em problemas sociais complexos.

Como afirma Delgado (2000, p. 13) existe uma necessidade tremenda de desenvolver intervenções comunitárias baseadas em activos que tenham em consideração o contexto local, as esperanças, as preocupações, as necessidades, as circunstâncias e habilidades com vista ao desenvolvimento de um novo paradigma.

Utilizando como enfoque metodológico o ABCD, conseguimos operacionalizar ideias em projetos e projetos em ação comunitária. Constatamos mudanças: a primeira e a mais importante foi nas pessoas em situação de sem-abrigo que saíram do papel de “assistido” para se transformarem em “atores” mostrando a todos que o sem-abrigo *“também é gente! Gente que ainda quer ser gente”* (Nova, 2013). Ao nível das associações, criaram-se ligações, produziu-se conhecimento e cooperação. As instituições começaram a acordar e a ver que o seu poder político não basta para lhe dar legitimidade. Esta só pode vir da comunidade e é nesta que devem ser capazes de trabalhar verdadeiramente em rede.

Foram utilizados recursos muito pouco explorados, lançadas bases para atividades empreendedoras futuras, potenciando-se a sustentabilidade. A construção de relações leva o seu tempo, é feita individuo a individuo, mas no final encontramos companheirismo, solidariedade, entajuda e otimismo.

O trabalho do autor na ONG, Associação Hemisférios Solidários, permitiu-lhe construir vários projetos que tiveram referencial comum, a arte comunitária e que ao libertar energias criativas, fizeram despertar e devolveram alguma esperança à população sem-abrigo da cidade. Podemos afirmar que projectos como “Alert’Art contra a Violência” (2010), “Levantados do Chão – Labirinto: faz xeque-mate à pobreza” (2011), Os direitos humanos não são um jogo (2011), Família-ri-ARTE (2012), Uma oportunidade para a Paz (2012) e Agarr-ARTE (2013) foram bem-sucedidos e ajudaram a criar o empowerment de grupos marginalizados através da desconstrução do discurso social, cultural e artístico.

Foram projetos assentes essencialmente no trabalho de voluntários, que deram tempo, dinheiro e conhecimento em prol de uma comunidade, a de pessoas em situação de sem-abrigo. Com a arte floresceu a amizade que perdura e perdurará enquanto houver memória.



## Bibliografía

- Associação Hemisférios Solidários. Online. Available <<http://hemisferiosolidarios.pt.vu>>, <<http://www.facebook.com/hemisferios.solidarios>> (accessed 25 April 2013).
- Allen, Pat B. (1997). *Arte-Terapia – Guía de autodescubrimiento a través del arte y la creatividad*. Madrid: Gaia Ediciones.
- Borrupt, T. (2009). *The Creative Community Builder's Handbook: How to Transform Communities Using Local Assets, Arts and Culture*. Minnesota: Fieldstone Alliance Publishing Centre.
- Ciornai, Selma (org) (2005). *Percursos em Arteterapia. Arteterapia e Educação. Arteterapia e saúde*. São Paulo: Summus editorial.
- Cuylenburg, G. (2004). *What is the role of public relations (PR) within an arts organisation when attempting to create beneficial social change in specific relation to the mental health sector?* High Octane Arts Marketing Tools and Ideas. Online. Available HTTP: <[http://www.australiacouncil.gov.au/\\_data/assets/pdf\\_file/0017/40904/PRP\\_aper\\_Cuylenburg\\_1901051.pdf](http://www.australiacouncil.gov.au/_data/assets/pdf_file/0017/40904/PRP_aper_Cuylenburg_1901051.pdf)> (accessed 28 April 2013).
- Delgado, M. (2000). *Community Social Work Practice in an Urban Context – The potential of a capacity-enhancement perspective*. New York: Oxford University Press.
- Levine, Stephen K. (2009). *Trauma, tragedy, therapy: the arts and human suffering*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Kretzmann, John P., Green, Michael B. (1998). *Building the Bridge from Client to Citizen: A Community Toolbox for Welfare Reform*. Available HTTP: <<http://www.abcdinstitute.org/docs/ClienttoCitizen.pdf>> (accessed on 6 May 2013)
- Matarasso, F. (1997). *Use Or Ornament? The Social Impact of Participation in the Arts*, London: Comedia.
- \_\_\_\_\_ (2001). <<Towards an inclusive culture>>. In *Matters* 16, Spring 2003.
- Nova, Horta Daniel (2013). *Farrapos da Alma*. Porto: Projecto Charme.
- Smith, D. H., Stebbins, R. A. & Dover, M. A. (2006). *A Dictionary of Nonprofit Terms and Concepts*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- Volk, K., Guarino, K., & Konnath, K. (2007). *Homelessness and Traumatic Stress Training Package*. DHHS Publication. Rockville, MD: Center for Mental Health Services, Substance Abuse and Mental Health Services Administration



## ILLUSTRAÇÕES

Foto 1 – Projecto “Cultura para todos “

Foto 2 – Projecto “Cultura para todos”

Foto 3 – Projecto “Cultura para todos”

Foto 4 – Projecto “Os direitos humanos não são um jogo”

Foto 5 - Projecto “Os direitos humanos não são um jogo”

Foto 6 – Projecto “Os direitos humanos não são um jogo”

Foto 7 – Projecto “Os direitos humanos não são um jogo”

Foto 8 – Projecto “Levantados do Chão – Labirinto: faz xeque-mate à pobreza”

Foto 9 – Projecto “Levantados do Chão – Labirinto: faz xeque-mate à pobreza”

Foto 10 - Projecto Família-ri-ARTE

Foto 11 - Uma oportunidade para a Paz

Foto 12 - Uma oportunidade para a Paz

Foto 13 – Projecto Ready-made por Abril

Créditos Fotográficos

Associação Hemisférios Solidários

